

Mais a Oeste, as pescadoras. Um relato etnográfico sobre os saberes ecológicos e políticos das mulheres pescadoras tradicionais e produtoras de ostra da Ponta Oeste, Ilha do Mel, Paraná

RENATA BEGHETTO PACHECO

Introdução

Esse texto é um relato etnográfico de caráter situado, parcial e localizado (Haraway 1988, 581) a respeito dos fazeres do dia a dia das pescadoras. É por meio das ações corriqueiras que presenciei em campo que proponho situar os entendimentos, meus e delas, sobre seu universo de mar-terra. Essa é uma forma que encontrei de relatar a realidade de outras mulheres procurando levar em conta as ideias de Haraway (1988) com seu conceito de conhecimento situado, e de Ingold (2012) com seu conceito de ambiente.

Esse texto possui uma abordagem teórica simples e trata de uma tentativa descritiva de olhar para o mundo sem hierarquizar os conhecimentos. Os desdobramentos desse relato são resultantes do encontro com as mulheres pescadoras artesanais e produtoras de ostra da Ponta Oeste. Encontro esse que resultou em conexões, práticas e diálogos que acabaram por promover noções sobre o que é ser mulher, lá e cá. Foi por meio da convivência que partilhamos que pude compreender como a lida da pesca e da ostra compõe esses universos femininos e fomenta posicionamentos políticos.

Logo, trata-se de uma cosmologia que tem sido defendida das ações do Estado e de seus projetos de modernidade (Escobar 2015:92) representados aqui pelo Porto de Paranaguá, mais especificamente

pelas ações das dragagens e pela Estação Ecológica da Ilha do Mel, uma área de preservação que sobrepõe o território da Ponta Oeste na década de 80, o território, também, dessas mulheres.

Com o intuito de revelar a torção e a desconstrução de saberes, relaciono a condição das pescadoras artesanais e produtoras de ostra da Ponta Oeste com algumas ideias de Donna Haraway. Início esse texto, então, situando minhas noções sobre o ambiente e sobre as pessoas, enquanto mulher acadêmica e bióloga. Descrevo também como cheguei ao meu tema de pesquisa do Mestrado em Antropologia Social e, por conseguinte, até elas, as mulheres pescadoras da Ponta Oeste.

O meu encontro com elas foi dado pelo acaso quando eu ainda era uma graduanda em Biologia e as vi pescando em águas calmas. É por causa delas que conheço a Ponta Oeste, os conflitos experienciados nesse território por seus moradores e observo uma ciência *genderizada*.

Sobre esse encontro, discorro no tópico “Mais a Oeste, as Pescadoras”. No tópico seguinte “O ser e o saber, a pesca”, procurei descrever as minúcias corriqueiras do dia-a-dia que ilustram o conhecimento sobre aquele ambiente (Ingold 2012) e as memórias que a mim foram partilhadas sobre a pesca durante a infância das pescadoras. E por último, em “O cultivar de Ostras e Política”, descrevo de quais formas o cultivo de ostra acabou por negociar com o Estado uma nova relação a partir dos posicionamentos políticos dessas mulheres.

Mais a Oeste, as pescadoras

É uma manhã de verão do ano de 2006. Estou sentada na porta da casaria do barco de Miguel¹, estamos navegando de Encantadas, um dos vilarejos da Ilha do Mel², à Ilha das Peças. Nos acompanha um grupo de turistas de Minas Gerais. Esse é um passeio que a Iemanjá Transporte Marítimo oferece aos turistas que se encantam com a paisagem marítima e com a presença brincante de golfinhos. Meu trabalho é dar apoio ao barqueiro e informar a tripulação sobre a história da paisagem que os circunda. Da mata ao mar, tudo tem história. Parte dela aprendi com os nativos³ e a outra por curiosidade minha li nos livros. Dois tempos, duas narrativas que naquela época eu tentava encaixar na mesma história; a história da Ilha do Mel.

Os olhos se concentram na paisagem. Do lado esquerdo, no plano de fundo, os contornos da Serra da Prata, lugar do sol poente. Às margens de Pontal do Sul, os navios de diferentes origens do mundo entram pelo canal da Galheta indo em direção ao Porto de Paranaguá. Os cascos de aço cheios de cracas dos navios graneleiros me fazem pensar em distância e os mares onde navegam. Do lado direito, a borda da

1 As pessoas aqui citadas receberam nomes fictícios com a intenção de as preservar.

2 A Ilha do Mel localiza-se no Estado do Paraná, município de Paranaguá e está vinculada aos poderes de gerenciamento do governo estadual desde 1982, com a concessão de uso sob a forma de aforamento (Portaria nº 160 de 15 de Abril de 1982) (Sperb e Telles 2014). A Ilha está sujeita a um regime jurídico diferenciado e atualmente sob responsabilidade do Instituto Ambiental do Paraná (IAP), instituição vinculada à Secretaria Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Semma Harder 2014). A Ilha está subordinada ao estatuto do Zoneamento Ecológico e de Uso Público que a divide em duas categorias de Unidades de Conservação: uma Estação Ecológica que abrange 95% de sua superfície e um Parque que abarca os 5% restantes. Prevê-se então toda uma jurisdição destinada à preservação e à proteção integral da Diversidade Biológica (IAP, 2016). Em 1975, a ilha foi tombada pela Coordenação do Patrimônio Cultural do Estado do Paraná, e em 2000, a UNESCO reconhece a Ilha do Mel como um patrimônio natural da humanidade dando reconhecimento mundial a sua importância ambiental. (Nascimento 2015).

3 O termo “nativo” aqui utilizado é a forma como as pessoas que nasceram na Ilha do Mel se auto identificam.

ilha do Mel, com seus mangues, pequenas embarcações e bichos. Durante o passeio o que se vê são trechos de praia e o mangue no primeiro plano da visão. Ao fundo, densas árvores que compõem a mata da área de preservação ambiental parecem ter um só corpo. Durante um longo trecho, desse lado da margem, não é possível ver casas ou qualquer tipo de aglomerado humano. Apenas algumas pequenas embarcações nas amarrações.

Na época, eu ainda estudante de Biologia, me esforçava para ver as relações existentes ali naquela natureza. As gaivotas na areia, os mergulhões e os botos pescando, a cor verde escura da água característica da sedimentação de estuários de saída de baía, um contexto ecológico entendido até então como uma grande rede de relações entre seres não humanos. Ao contornar a Ilha na sua porção Oeste, observo a paisagem que se revela. De um lado o imponente Porto de Paranaguá e seus navios enfileirados, e do outro, nas margens da ilha, duas pessoas pescam em uma canoa. Para minha surpresa, ao nos aproximarmos vi que eram duas mulheres pescando com redes.

Curiosa, pergunto para Miguel quem são elas. Ele me responde que ali era a Ponta Oeste. Não tinha água e nem luz. Nenhuma palavra a mais é dita por ele. Procuo na margem algum sinal que me remeta à paisagem de Encantadas e Brasília⁴ vistas do mar. Não era possível identificar que ali moravam pessoas. Reconheci, talvez, pequenos ranchos, mas o que me chamara atenção eram aquelas duas mulheres pescadoras.

Eu já havia estado na Ilha outras vezes, Encantadas foi o meu paradeiro durante, pelo menos, os três meses do verão desse ano. Fui apresentada àquele canto da Ilha pelo Lauro, um menino que conheci na faculdade e hoje é meu parceiro. Ele já havia estado lá em outros momentos. E no ano anterior, no inverno de 2005 fomos para lá. Foi nesse momento que Lauro me apresentou a Miguel, o mobilizador da cooperativa de barqueiros e meu professor sobre o universo marítimo. Muito do que aprendi sobre esse território de mar e terra e sua ecologia, devo a eles.

Do outro lado da Ilha, em Brasília, outro amigo dava aulas de Biologia na escola da comunidade. Quando ficávamos por lá, costumávamos andar para além da Fortaleza. Nas trilhas de dentro da mata e pela beira do mar, nunca chegamos a Ponta Oeste, apesar das longas caminhadas. Em Brasília acabei fazendo um amigo, Seu Luciano, pescador velho contador de histórias. Então, nosso tempo se dividia em estadias entre Brasília e Encantadas, mas os três meses do verão eram em Encantadas. Lá, nós trabalhávamos com Miguel na cooperativa de barqueiros e no restaurante do mar de fora, com outras famílias de pescadores que aproveitavam a temporada para trabalhar com alimentação. Durante o resto da viagem de barco até a Ilha das Peças, percebo que o tempo em que estive na Ilha do Mel, nunca tinha ouvido falar da Ponta Oeste.

Aquele local por mim era entendido como a área do Parque da Ilha do Mel, a área de reserva ambiental, proibido e inacessível aos humanos, uma floresta intocada. Para além da surpresa da existência da Ponta Oeste, havia também o ineditismo das mulheres pescadoras. Durante a minha graduação em

⁴ A Ilha do Mel possui seis vilas com aproximadamente 98 pescadores. Nessas vilas os moradores dividem suas atividades econômicas com o turismo. Porém, há particularidades quanto a principal atividade econômica: Ponta Oeste (pesca), Praia Grande (turismo), Farol das Conchas (pesca no inverno e turismo no verão), Fortaleza (turismo), Brasília (pesca no inverno e turismo no verão), Encantadas (pesca no inverno e turismo no verão) (Fuzetti 2009).

Biologia já havia lido trabalhos sobre a pesca no litoral do Paraná cuja descrição sempre foi dada como uma atividade ligada ao masculino. Passei o resto da viagem até a Ilha das Peças imaginando como era viver na Ponta Oeste - sem água, sem luz – naquelas moradias onde habitavam mulheres pescadoras? Que vida seria possível daquele lado da ilha? E a tônica que me dominava era: do outro lado tem gente e as mulheres pescam.

Durante os anos que se passaram até os dias de hoje me propus a pesquisar sobre a Ponta Oeste. Descobri pelo trabalho de Harder (2014), Fuzetti (2007) e Kim (2007) que a falta de luz e de água descrita por Miguel era um dos resultados do conflito territorial vivido pelas pessoas da Ponta Oeste. Isso porque durante a década de 80 o Estado do Paraná sobrepe o território dessa coletividade a uma área de proteção ambiental. O conflito territorial e sua dinâmica de desterritorialização somados aos nocivos impactos ambientais do recém⁵ implantado Canal da Galheta, que dá acesso aos Porto de Paranaguá e Antonina, são responsáveis pela diáspora de parte da sua população originária. Apenas 25 pessoas, pescadores e pescadoras tradicionais, se fixaram a fim de afirmar seu território. (Harder 2014)

Descubro também pelo doutoramento de Rose Mary Gerber (2013) “Mulheres e o mar; pescadoras embarcadas, no litoral de Santa Catarina, sul do Brasil” que a minha surpresa em ver mulheres pescadoras ocorre, em parte, devido à invisibilidade dessa categoria diante do Estado e da Academia. A autora faz um levantamento sobre os estudos de pesca e nota que tanto o discurso estatal como o acadêmico, por vezes enquadram a pesca enquanto atividade majoritariamente masculina ao preterir “as mulheres às atividades domésticas”, entendidas por sua vez como obrigações e não como trabalho. Diante desse panorama o homem aparece como figura central da atividade, como o pescador que embarca, que vai ao mar, desprezando, porém, as atividades de pós pesca enquanto constituinte dessa atividade. Em seu levantamento, Gerber (2013) também identifica classificações utilizadas nos discursos acadêmicos e estatais que terminam por invisibilizar a mulher pescadora ao se referirem a elas como “mulheres das comunidades pesqueiras ou de pescadores” e dificilmente como pescadoras.

Sobre a participação das mulheres na pesca, encontro também o trabalho de Simone Frigo (s/d), que aborda as perspectivas das mulheres sobre a pesca da tainha, em Encantadas, Ilha do Mel. A autora também afirma em seu artigo sobre a tendência em privilegiar o ponto de vista masculino nas pesquisas sobre comunidades pesqueiras, mesmo as mulheres exercendo papel fundamental para a pesca.

Portanto, percebo que etnografar as pescadoras e produtoras de ostra da Ponta Oeste, seus fazeres políticos frente ao conflito que ainda hoje protagonizam, é uma forma, também, de colocar em pauta a importância dessas mulheres em contextos além-mar.

5 Em seu doutoramento, Lamour (2007) revela que as dragagens da Baía de Paranaguá tiveram início em 1930, quando ainda era utilizado os canais norte e sueste para o acesso dos navios a Baía de Paranaguá. Na época a dragagem foi feita para aprofundar os canais em 8 metros. Em 1968, com a crescente tecnologia e com o aumento dos navios, os canais foram novamente dragados, agora para garantir a profundidade de 10 metros. Porém, no ano de 1972 a autoridade portuária (Administração dos Portos de Paranaguá e Antonina -APPA) decidiu por dragar mais uma vez esses canais. O intuito agora era chegar a profundidade de 12 metros. Foi durante essa campanha de dragagem que foi descoberto a existência de maciços rochosos submersos. A remoção dessas rochas seria demasiadamente custosa e acabou por inviabilizar o empreendimento no canal norte e sueste. Porém, é nesse mesmo ano que APPA decide pela abertura de um novo canal, o canal sul, o Canal da Galheta. Sua abertura foi concluída em 1974.

Diário de campo, Novembro de 2017

Meu primeiro encontro com a Ponta Oeste: Quando eu as conheci:

Após a caminhada de reconhecimento do território guiada pelo seu Mauro, nativo do local, conheço as mulheres pescadoras que vi há dez anos atrás, ao apresentar minhas intenções de pesquisa. O nosso encontro acontece durante uma reunião de planejamento feito por professores da UFPR litoral a qual fui convidada a participar. Ao me apresentar, conto à comunidade presente como eu conheci a Ponta Oeste: o passeio de barco e as mulheres pescadoras. Informo também meu interesse em entender o conflito territorial vivido por eles em decorrência da implantação da Estação Ecológica. Ao final da minha fala, um breve silêncio é interrompido pela fala de Dona Helena “ Aquelas duas mulheres que você viu pescando provavelmente sou eu e Joce, nós sempre costumávamos pescar pra lá”. Percebo que as senhoras que estão sentadas perto dela estão sorrindo, mas com os olhos cheios de lágrimas. Eu não sei exatamente o que em minha fala despertou tal reação nessas senhoras. Eu não imaginei que as encontraria, eu estava muito apreensiva em ser aceita como pesquisadora local, no entanto é por meio delas, das mulheres pescadoras, que minha pesquisa é acolhida na Ponta Oeste”

Esse relato etnográfico foi elaborado a partir de minhas últimas experiências em campo. Para estar na Ponta Oeste, é preciso deslocar-se de carro e de barco e para conhecê-la é preciso costear a praia e a mata, navegar pelos cultivos de ostra e pelos marcos da memória coletiva. Eu inicio esse tópico comemorando minha chegada à Ponta da Coroazinha, forma pela qual os seus moradores também chamam e identificam a Ponta Oeste, devido ao um banco de areia localizado em frente ao vilarejo e famoso por, no passado, garantir boas pescarias. Devo falar que desembarcar em suas areias, em minhas últimas experiências, me fizeram refletir sobre como é morar lá.

Em uma de minhas idas ao campo, chego em Pontal do Paraná com um final de tarde escuro e gelado. Devido às condições do tempo e do mar, Miguel (meu amigo barqueiro de Encantadas) decide por cautela pernoitarmos em Encantadas e partirmos pela manhã para a Ponta Oeste. Meu atraso, no entanto, permite que leve para Dona Helena os pedidos feitos de última hora por ela: três litros de óleo de cozinha e café. Em minha última estadia no campo, chego ao amanhecer em Pontal do Paraná, mesmo assim há pressa em embarcar, Miguel avisa sobre os nevoeiros que têm baixado durante a manhã, no final da tarde e à noite. A visibilidade é quase impossível e a navegação se torna perigosa, devido ao trânsito dos navios no canal da Galheta.

Nessa nova etapa de pesquisa pretendo prolongar minha permanência: ficarei dez dias na Ilha. No entanto, é julho, época de os moradores receberem suas famílias em suas casas⁶. Ciente disso, escolho por alugar uma casa em Encantadas, porém essa opção me obriga a navegar para ir e para voltar todos os dias, o que aumentam consideravelmente os meus custos de viagem. Foram dez dias de intensa cerração em que fiquei temporariamente perdida no mar pelo menos duas vezes.

Essas experiências de navegação me colocaram em contato com a realidade marítima do morador insular. O tempo e os deslocamentos da vida são pautados pelos ritmos do mar. Suas marés determinam o

⁶ Durante meus campos costumo pernoitar na casa de Dona Helena. Porém, em julho ela recebe seus filhos, netos e bisnetos em sua casa. Como era de meu conhecimento que essas visitas eram muito esperadas por ela, achei mais apropriado alugar uma casa do outro lado da Ilha, para que dessa forma Dona Helena pudesse aproveitar melhor o tempo com a sua família.

fluxo das correntes marítimas e também as ações dos moradores, seja nas atividades da pesca, da maricultura, dos deslocamentos em mar ou nos afazeres em terra. Para se habitar esse universo, é preciso conhecê-lo, apreendê-lo nas suas mais variadas formas. Um tipo de conhecimento que é sentido e experimentado, que é forjado na prática. Equilibrar-se em canoas, forçar o ritmo das remadas, observar a direção das ondas e marolas, entender os ventos e as correntes a fim do pescar. Portanto, as experiências dessa etnografia também foram marcadas pelas marés e pelos humores do oceano, pela minha falta de prática na pesca e na navegação, mas que acabaram por aguçar meus sentidos às experiências daquela vida.

Os fatos descritos aqui são resultados de horas de conversa com os pés molhados no mar, sentada na beira da praia, nas varandas, nos ranchos de pesca, nas cozinhas durante os preparos dos alimentos e durante as navegações. É por meio dessas três mulheres, minhas principais interlocutoras, que proponho pensar sobre suas experiências ecológicas e políticas e sobre os deslocamentos vividos por elas no mar e na terra, sobre suas maneiras de se conhecer e se reconhecer no mundo, em uma forma de vida em que o mar e os seres acabam por produzir relações de parentesco, compadrio e política.

À vista disso trago os conceitos ingoldianos⁷ para se pensar em um gesto que se repetiu todos os dias de meu campo. Enquanto estive lá, notei que as atenções dos moradores da Ponta Oeste costumavam estar voltadas para a praia, para o mar, para a serra da Prata, para os ventos e suas direções. Tudo se espera do horizonte: os filhos que moram em Paranaguá, as peças para o motor do gerador e do barco, os companheiros de pesca, a fiscalização do IAP, os turistas que vão buscar ostras.

A Ponta Oeste é literalmente a ponta da Ilha do Mel, uma esquina de terra e mar que se conecta com o mundo marítimo e seus mais variados seres, humanos e não humanos.

7 Para se pensar esses saberes, proponho uma análise por meio de Ingold (2012) em seu texto “Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais”. Nessa publicação o autor elabora os conceitos de materiais, ambiente e criatividade. Para tanto, ele cita as ideias de Deleuze e Guattari (2004) em “A thousand plateaus” para alicerçar seus conceitos. Ingold (2012) pensa o conceito de materiais por meio da concepção de matéria – fluxo de Deleuze e Guattari (2004: 51). Para esses autores, onde há matéria, ela está em “movimento, fluxo, em variação”. E por tanto, “essa matéria-fluxo só pode ser seguida”. Seguindo essa lógica, Ingold propõe que os movimentos dos materiais sejam seguidos. Isto posto, os materiais seriam então a antítese de objetos, que para Ingold são destituídos de vida, enquanto a matéria é vida e movimento. Ainda imbuído da ideia de “seguir” proposta por Deleuze e Guattari (2004), Ingold (2012) elabora o conceito de criatividade, que por sua vez, é dotada de movimento “para frente”, de improviso, o qual ocorre em simultaneidade aos acontecimentos da vida. Para ele a criatividade não é resultado de um “conectar em retrospecto, uma série de pontos já percorridos” e mais uma vez cita Deleuze e Guattari (2004: 334): é “juntar-se ao Mundo, misturar-se a ele”. Ainda pensando em movimento, Ingold elabora o conceito de Ambiente por meio do conceito de “linha de devir”, de Deleuze e Guattari (2004: 323). Para eles, uma linha de devir ou linhas de fuga não são caracterizadas por pontos que se conectam ou que a compõem. A linha de devir não é a soma nem a relação entre os pontos, é o “entre (...) que corre perpendicular a ambos”. Portanto, para Ingold (2012) e baseado em Deleuze e Guattari (2004), a vida não procura um fim, ela está sempre em movimento contínuo e para frente, assim como a criatividade. Logo, a vida é um agregado de fios. O que Deleuze e Guattari chamam de Ecceidade, os fios agregados, Ingold, ao seu modo, elabora o conceito de Ambiente: um domínio de emaranhamento de linhas de vida que compõe entrelaçamentos que são a textura do tundo. Logo, seres e o ambiente fundam-se um ao outro respectivamente em um contínuo movimento. Cada linha equivale a uma vida que comporia uma grande malha feita de linhas entrelaçadas. Essas linhas são feitas de materiais que percolam e transbordam e compõem o mundo. Já a criatividade é como os “fios de vida”, ela é feita de movimentos para frente e é forjada durante a ação.

8 “A “Compagnia Tecnica Internazionale”, chama - se TECHINT devido à sua abreviatura telegráfica, foi fundada como uma empresa internacional em 1945. Hoje, o Grupo Techint engloba seis empresas, que operam a nível mundial através de mais de cem subsidiárias, possui uma força de trabalho de 59.400 funcionários. O faturamento anual do grupo chega a casa dos US\$ 25,4 bilhões (TECHINT 2014). As principais atividades da Techint E & C é desenvolver grandes projetos em escala mundial em construção de instalações de petróleo e gás. Segundo o grupo, seus valores são baseados na “presença em longo prazo, compromisso com o desenvolvimento local e uma paixão pela qualidade e pela tecnologia. (p.17, PIGOSSO, 2015 apud TECHINT, 2014). Ainda segundo Pigosso (2015), a Techint instalou-se em Pontal do Paraná na década de 80, “quando, segundo parecer técnico nº 009/2003 do Instituto Ambiental do Paraná (IAP), já operava realizando serviços de montagem de módulos para plataformas e plataformas para exploração petrolífera em seu canteiro de 140.100,00 m² dos quais 1.604,33m² eram de área construída. O canteiro situa-se na localidade denominada Ponta do Poço no Balneário de Pontal do Sul” (p.17).

9 Pigosso (2015), afirma que Pontal do Paraná possui em seu histórico de diversos empreendimentos de significativo impacto socioambiental, como o Porto Pontal, a base de soldagem da Subsea 7 e Terminal Marítimo, de inumbência da empresa Melpport Terminais Marítimos Ltda., tal como a aquisição de terreno pela Oderbrecht, além da expansão das vias de acesso ao município, cuja principal obra é a nova PR412. Estas formam um conjunto de empreendimentos anunciados pelo Governo Estadual como “Pontal do Pré-Sal”.

Das janelas da cozinha de Dona Helena e Dona Jocélia, veem-se a Serra da Prata, o novo petroleiro sendo construído pela Techint⁸ em Pontal do Paraná⁹, navios ancorados das mais variadas nacionalidades em frente a “ilha rasa e seca”. veem-se o movimento dos barcos de turismo e das canoas de pesca e os barcos que ainda estão vindo de Paranaguá. Nota-se o azul mudar de cor com o vento e o formato das nuvens que anunciam a mudança no tempo. Percebe-se o cardume de tainhas que estão mordiscando os cultivos de ostra e o movimento dos botos que anunciam a chegada do cardume. A praia é o local de trabalho e de socialização entre humanos e não humanos.

Os moradores sentam-se nos ranchos de pesca para ver o sol se pôr enquanto conversam sobre as ocorrências da vida. Atentos aos movimentos daquele universo-terra-mar-serra-vento-bichos (Ingold 2012), nota-se que todo aquele ambiente compõe o saber sobre aquele território da Ponta Oeste. Se o território físico pode ser entendido onde ocorrem as suas territorialidades significadas por critérios culturais e simbólicos (Maldi 2017), o território mental, ou seja, os entendimentos que transbordam da mente, aquilo que os olhos podem ver e o corpo pode sentir, articulam um conhecimento sobre territórios que perpassam as fronteiras entendidas pelo estado (Ingold 2012).

Dona Helena mora sozinha em uma casa de três quartos e de sala ampla e avarandada. Quer receber os filhos, os netos e os bisnetos lá durante as férias escolares. Sua cozinha fica do lado de fora da casa, lugar onde se cozinha para “os de fora”, cozinha-se a ostra do seu cultivo e recebem-se as visitas dos pesquisadores como eu. É uma cozinha com uma varanda, “o salão” onde também ocorrem as reuniões da comunidade. De suas janelas e varandas, seja de sua casa, ou de sua cozinha, avistam-se a praia e os seus cultivos de ostra. Entre sua morada e a praia, seu local de trabalho, existe uma estreita ponte de madeira que comunica as duas esferas da vida, a casa e o trabalho da pesca e do cultivo de ostra.

Dona Jocélia fica cerca de duas casas de distância, na verdade trata-se de uma outra cozinha, que segue a mesma organização que a de Dona Helena, a cozinha unida à extensão do “salão” avarandado. Dona Jocélia passa a maior parte do tempo nessa cozinha, nela há telefone, uma televisão e um congelador que só funcionam durante a noite, quando os geradores são ligados na hora da novela e do noticiário.

Em sua cozinha sempre há muitas pessoas, sua vizinha Léo e o marido Mauro sempre estão por lá, e às vezes Dona Helena. Dona Jocélia e Léo cozinham juntas os peixes e as ostras para os turistas que chegam em lanchas ou em jet-skis e recebem suas visitas no salão, como Dona Helena. Dona Jocélia, no entanto, dorme na antiga escola da Ponta Oeste, onde há muitas camas (faz lembrar um dormitório) enquanto Léo e seu Mauro possuem uma pequena casa mais para dentro da mata, perto da escola, ou do “grupo” como costumam chamar. Como na casa de Helena, também há uma ponte que conecta a cozinha à praia.

A atenção está sempre voltada aos movimentos da praia. Não raro vi Dona Helena debruçada em suas janelas com o olhar distante. Nesses momentos, nos acompanhava uma conversa entrecortada por silêncios. Não dava para deixar de notar a atenção de seu olhar ao horizonte.

O mesmo gesto, também observei em Dona Jocélia e Léo. Lavavam louça enquanto olhavam pela janela e comentavam sobre o tempo ou sobre as embarcações no horizonte. *“Aquele não é barco de Cico? É, acho que está voltando, saiu para pescar logo cedo”, “Olha, a cerração caindo”, “Veja, o vento*

caiu cedo hoje”. Em um dos almoços de que participei acompanhando o feitiço da comida, sempre muito generosas e cordiais, eu ficava a escutá-las. Enquanto observávamos os enquadramentos da janela da cozinha que emolduravam os acontecimentos da vida lá fora, os ventos me foram explicados e lembraram as memórias das pescarias de infância.

As duas casas que separam Dona Helena de Dona Jocélia são as casas de Ana, que está adoentada e por isso tem ficado em Paranaguá aos cuidados dos filhos, e a casa de Seu Pedro, já falecido. Ambas as casas são de madeira e permanecem fechadas. Posicionadas com os fundos para a mata que é a Estação Ecológica da Ilha do Mel, ficam de frente para o mar. Essas casas, como a maioria das moradias da Ponta Oeste, deixam aparentar a ação do tempo, da maresia e das proibições ambientais quanto à reforma e à construção das moradias. A não autorização pelo órgão ambiental estatal para a reforma das casas faz com que o tempo da mata siga seu fluxo e se aproprie dos materiais (Ingold 2012) inviabilizando o tempo e o espaço da vida do pescador e da pescadora da Ponta Oeste.

Nota-se então que há ali um núcleo de moradores importante à Ponta Oeste. Seu Pedro, o qual só pude conhecer por fotos que me foram mostradas por Dona Helena, segundo conta o professor Eduardo Harder, era uma liderança cara à comunidade e uma figura importante à Ilha do Mel. Trabalhou combatendo a malária em sua juventude na Ilha. Do outro lado da ilha um amigo nativo me conta sobre a lembrança de ter as febres da infância curadas por Seu Pedro que parece também ter sido um dos guardiões da tradição pesqueira e das relações importantes à política de resistência de seu território, política essa repensada pela comunidade, após a implantação da área de preservação. Com o seu falecimento, as pescadoras passam a assumir a frente das tomadas de decisões no que toca a permanência dos vinte e cinco moradores da Ponta Oeste.

Segundo Pontes Filho, Kluppel (2002), a família das pescadoras está presente na Ponta Oeste desde o século XIX. As mulheres maricultoras e pescadoras, em nossas conversas, narram quase um século de reminiscências. Dona Helena relata das idas de seu pai “ao centro da mata” para buscar caixeta, árvore do litoral do Paraná, ideal na feitura de “canoas de um pau só”, dada a densidade e maleabilidade dessa madeira. Diz que seu pai arregimentava companheiros “para a derrubada e para a puxada até a praia”. Depois havia o trabalho de esculpir a machado e a formão. Até a canoa por fim surgir da árvore. Sobre esse esforço coletivo, Dona Jocélia fala que era preciso organizar um “mutirão” para tirar a árvore da mata. Esse termo é muito utilizado quando se refere à pesca tradicional. Trata-se de um coletivo de pessoas engajadas em uma tarefa, seja na confecção dos petrechos de pesca, nas antigas lavouras ou até na atividade da própria pesca. A canoa então ficaria pronta dentro de três a quatro meses de muito trabalho.

Naquela época, isso eu era pequena, eu lembro, eu tinha o quê.....eu acho que uns 4 anos mais ou menos. Eles tinham que tirar uma canoa, que naquele tempo podia é claro, então eles tiravam, cortavam a árvore lá, faziam a canoa e aí tinha que trazer. Então era feito o mutirão, eles chamavam

10 Narrativa tirada do documentário, Os Argonautas da Coroazinha. Direção: Eduardo Harder, Ana Elisa de Castro Freitas e Doglair Albini Júnior. Ilha do Mel: 2014.

Disponível em: <https://vimeo.com/103663865>. Acesso em: 15 de agosto de 2018.

todo o pessoal e iam buscar a canoa (...) também tinham pessoas de fora. Aí o que acontecia, vinha, aí depois tinha o almoço né, porque sempre eles iam bem cedo (para dentro da mata buscar caixeta), tinha o almoço e a noite tinha o fandango. E assim, também eles plantavam roça. Meu pai até plantava a roça, mas na hora de colher ele ia ao pessoal para ajudar né, para fazer a farinha e tudo mais... E depois eles dividiam e forneciam e tinha o fandango e o baile (Dona Jocélia, pescadora e maricultora da Ponta Oeste)¹⁰.

Dona Helena conta ainda sobre a lembrança que tinha das pescarias noturnas no tempo de sua infância, em que todos participavam dos arrastos feitos na praia. Por isso, ao nascer do sol todas as famílias da Ponta Oeste estavam na praia, mulheres e crianças participando do puxar da rede e da “despesca” dos peixes. Dona Helena lembra também de participar da pesca noturna com o seus pais. Ela revela que gostava tanto de ir pescar de noite que seus pais a levavam, enquanto seus irmãos ficavam dormindo em casa.

Em um almoço, estávamos todos sentados à mesa, as pescadoras começaram a rememorar com alegria os tempos da “mocidade”, quando Léo e Helena trocavam lenha e peixes secos por leite condensado. Elas ainda pequenas corriam para agilizar a mercadoria que seria trocada em Paranaguá por um imigrante europeu que morava na Ponta Oeste. Esse senhor as avisaria com um dia de antecedência sobre a viagem que faria até Paranaguá e elas então se poriam a buscar lenha na mata e a pescar, já sabendo do resultado da troca, o doce de leite. Com o tempo, já na adolescência, a troca passou a ser feita por “fazenda”, tecidos para o feitiço de vestidos que eram costurados por Ana, a pescadora mais velha entre as mulheres.

Dona Helena explica que naquela época as crianças trabalhavam na pesca da mesma forma que os adultos. Disse não haver discriminação de gênero na atividade, sendo a pesca uma atividade familiar. Apesar disso, as crianças não eram remuneradas. Apenas aos dezesseis anos recebiam um quarto do quinhão dos dividendos da pesca, um pouco mais velhas receberiam metade e apenas na vida adulta, um quinhão inteiro.

Já Dona Jocélia conta que nos primeiros anos de sua adolescência começou a dar aulas no “grupo escolar”. Aprendiz e auxiliar do professor local, Dona Helena lecionou para as séries iniciais até o fechamento do “grupo escolar”, na década de 80.

Ainda sobre as memórias da pesca, Léo conta sobre a dificuldade de tirar sua carteira de pesca e narra o atendimento que recebeu ao tentar conseguir o documento. Segundo ela, era preciso informar há quanto tempo seu pai e seu marido pescavam, para aí sim ser reconhecida enquanto pescadora. Ela ainda afirma que a carteira não veio com facilidade, apesar de ter feito o requerimento na instituição responsável pela emissão do documento. Ela não recebeu a sua carteira de pesca, motivo pelo qual teve que voltar outras duas vezes a Secretaria de Pesca e Agricultura em Paranaguá. Léo entendeu a demora como um não reconhecimento de sua função pelo atendente da instituição.

Gerber (2013) comenta em seu doutoramento que a carteira de pesca profissional para pescadoras apenas foi viabilizada em 2009 pelo governo Lula. Contudo, muitas dificuldades ainda teriam que ser superadas pelas pescadoras para ter acesso ao documento que lhes garantiriam seus direitos trabalhistas. A autora descreve, então, as exigências feitas pelo INSS para a aposentadoria das pescadoras. Para

obterem tal direito a mulher deve provar que é ou esposa ou filha de pescador, logo, “sozinha, como um sujeito, trabalhadora, ela não é”, isto posto, Gerber (2013: 353) ainda afirma:

“Para se aposentar com a denominação pescadora, a mulher deve estar inserida dentro do chamado grupo familiar, mas não porque, estando no grupo familiar, é prontamente visibilizada como uma pescadora daquela família. É aposentada como pescadora quando consegue provar que é filha ou esposa de um pescador”.

Cabe aqui ressaltar que as memórias da pesca e da infância aparecem nas narrativas mediante um marco temporal; A Estação Ecológica da Ilha do Mel. Sua implantação reparte o tempo em dois: “antes”, uma coletividade de pescadores e pescadoras tradicionais que eram “libertos” e podiam pescar, roçar e festejar as colheitas ao som dos fandangos; e o “depois”, marcado pela presença do órgão ambiental fiscalizador e suas ações.

Em vista disso, as descrições do tempo do “depois” falam sobre as autuações por crimes ambientais pelas reformas das casas e pela prática da roça. As estruturas administrativas da Ponta Oeste, como a escola e o Postinho, acabam por ser desativadas e parte da comunidade local é incentivada a deixar a localidade devido ao processo de mitigação do próprio empreendimento conservacionista. Já outras famílias deixam a comunidade devido à precariedade agora imposta.

As pescadoras Helena, Jocélia e Léo, após o falecimento de seu Pedro, passam a assumir a presidência da Associação de moradores da Ponta Oeste, momento o qual se dá continuidade à “luta”, palavra que elas frequentemente utilizam para definir seus posicionamentos políticos frente às ações do estado.

Cabe ressaltar que o processo de desenraizamento dos moradores da Ponta Oeste afetou e implicou de forma real a vida dessas pessoas. Após o desmantelamento pelo estado das estruturas públicas como o “grupo escolar” e a “sede”, muitas das famílias, em busca de escolas para seus filhos e melhores condições de vida, migraram para Paranaguá ou foram separadas por esse movimento.

Nota-se que muitos homens, pescadores tradicionais da Ponta Oeste, não se adaptaram a vida da urbana Paranaguá, cidade de poucas oportunidades, apesar do rico porto. Dessa forma, voltaram para a sua terra natal, a Ponta Oeste, onde ainda se era e é possível viver da pesca artesanal. As mulheres pescadoras as quais abordo nesse relato contam que as idas e vindas a Paranaguá se tornaram parte da dinâmica da vida das pessoas da Ponta Oeste. Se antes da implantação da Estação Ecológica da Ilha do Mel essa mobilidade era fundada na pesca, após sua instalação a população remanescente, expandiu suas relações para outras ilhas vizinhas e para o continente, uma forma de garantir seus modos de vida.

Logo, ser pescador tradicional na Ponta Oeste hoje também é usufruir da estrutura econômica de Paranaguá e das relações, de parentesco ou não, existentes nas ilhas vizinhas – são as formas de validação e expressão encontradas para a manutenção de sua tradicionalidade, território e vidas. Foi, portanto, na tentativa de reconstruir suas vidas, que, em Paranaguá, essas mulheres começaram a estudar.

Dona Helena prosseguiu seus estudos e se graduou em pedagogia. Agora titulada, continuou a dar aula nas outras comunidades da Ilha do Mel e dos entornos da Baía de Paranaguá. Com o falecimento de seu Pedro, a “Associação dos Nativos e Pescadores da Ponta Oeste” a faz se interessar pelos processos

burocráticos que formalizam os projetos de futuro da comunidade. Instigada pelas dificuldades vividas na Ponta da Coroazinha, se forma também em contabilidade, curso que a auxiliou na fundação da Associação e na elaboração do projeto do cultivo de ostras junto a Emater.

Dona Jocélia, por sua vez, graduou-se em enfermagem e diante das novas demandas da Associação e do Cultivo de ostras, fez diversos cursos sobre os métodos e as formas de se cultivar ostras. Juntas à Léo, que casada continuou a viver da pesca, passaram a liderar a Associação de moradores e implantaram o cultivo de ostras.

As três mulheres, junto às suas famílias, começaram então a peregrinação nas instituições do estado, em Paranaguá e Curitiba, em busca dos documentos necessários à afirmação dos direitos da comunidade. É pela Associação de Moradores da Ponta Oeste que, como já dito aqui, o cultivo de ostras é planejado e implantado. A organização da comunidade via Associação também articulou relações que culminaram no feitio do Protocolo de Consulta da comunidade, documento fundamental para afirmar direitos frente aos constantes questionamentos do órgão ambiental fiscalizador do estado do Paraná e aos crescentes impactos ambientais provocados pela atividade portuária.

Os moradores da Ponta Oeste possuem um histórico, como já mencionado, de autuações de crimes ambientais no que toca a construção e reformas de suas casas e de supressão de vegetação. Mediante esse panorama, a diferença de tratamento dado a comunidade e ao Porto de Paranaguá e suas grandes indústrias vizinhas pelo estado são motivos de questionamentos pela comunidade. Dona Helena revela um vazamento de óleo que chegou a Ponta Oeste, ela conta que os jets skis dos turistas que estavam na praia ficaram cobertos de óleo. Há depoimentos sobre “peixes decapitados”, peixes que aparecem destrocados ou com lesões importantes, esse é o caso de um Mero (*Epinephelus itajara*), o peixe grande que aportou na praia da Ponta Oeste com um imenso talho na cabeça. Para os moradores, o ferimento seria causado pela hélice da draga ou de algum navio. Há também narrativas sobre a escassez de peixes e sobre a percepção da retirada e deposição de areia nas praias e mangues da ilha. Para os moradores, esses fatos estão ligados à atividade intermitente da draga.

Segundo a Administração dos Portos de Paranaguá e Antonina (APPA), o objetivo da dragagem é remover o assoreamento em determinados pontos do canal de acesso aos respectivos portos. A profundidade prevista é de 15 e 13 metros em alguns pontos do trecho do canal. As áreas previstas para sofrerem a dragagem são aquelas próximas ao Porto de Paranaguá, portanto, a Ilha da Galheta e comunidades de Amparo, Europinha, Piaçaguera e Ilha do Mel. Em Pontal do Paraná, estão próximas às comunidades de Pontal do Sul/Canal do DNOS e Ponta do Poço. A APPA reconhece os impactos gerados durante a atividade e afirma que eles só ocorrerão durante o tempo da dragagem. Os impactos da dragagem são: redução de organismos que vivem na região que será dragada; perturbação sonora com incômodo para os botos e fuga de alguns peixes. (APPA,2018)

Para além do conflito existente devido às perturbações geradas pela atividade portuária, os depoimentos dos moradores revelam o conhecimento que eles possuem sobre esse ambiente. As percepções elaboradas por eles sobre os impactos da dragagem e da atividade portuária somam-se a outros depoimentos que ouvi de nativos moradores de outras vilas da Ilha do Mel. Na praia de Encantadas, lugar próximo ao despejo dos sedimentos da dragagem, os moradores viram sua área de praia voltada para “o mar de

fora” multiplicar de tamanho. Para eles “o mar de dentro” da Ilha do Mel está sendo “sugado” pela draga, enquanto o lado da ilha que tem suas praias no mar aberto está crescendo.

O cultivar de ostras e políticas

(...) É isso que até hoje nós conservamos, nossa união, e eu prego muito isso e aqui na Ponta Oeste para mim é tudo, aqui é minha vida por isso que eu continuo lutando por isso aqui (...) e espero um dia ver meu sonho realizado, pescador que sempre batalhou por isso aqui continue tendo sua liberdade de pescar, de poder ter onde limpar seu pescado” (Dona Jocélia, pescadora e maricultora da Ponta Oeste)¹¹.

Em julho de 2018, chego a Ponta Oeste e sou recebida pelo Daniel, ele tem cinco anos e está brincando em uma canoa na beira do mar. Nosso barco ancora próximo a ele, e como não existe trapiche, descemos no mar. É um dia frio de inverno e com sol. Diferente de outros momentos que estive em campo, há muitas crianças na Ponta Oeste. Ao desembarcar me aproximo do menino e o cumprimento, pergunto seu nome e ele me responde que é Daniel, bisneto “de” Helena e volta a brincar na canoa. Pelos gestos do menino percebo que está navegando, “pescariando”. Sobe e desce da canoa inúmeras vezes falando sozinho, a arrasta pela corda da âncora enquanto a canoa balança com as pequenas marolas do mar calmo.

Uns metros à frente vejo Dona Helena esticando uma rede de pesca no chão, ela tem a ajuda de Zé. Pergunto se precisa de ajuda, mas ela recusa, me conta que apenas vai secar e limpar a rede para jogar ao mar mais de noitinha; quer pescar tainhas.

Questiono se irá sozinha jogar a rede, ela me responde que não, irá mais tarde com a ajuda de outro pescador. Dona Helena tem seu próprio barco, uma bonita e bem conservada voadeira de fibra de vidro que leva seu apelido “Lena” escrito em azul. Na praia as canoas que estão amarradas na beira do mar acabam por servir a quem está trabalhando com o cultivo ou com o reparo dos petrechos de pesca, e parecem ter um uso coletivo para colocar as redes de espera mais próximas, para buscar as lanternas ou resgatar quem chega de fora.

Durante as estadias anteriores na Ponta Oeste, já havia percebido pelo movimento dos moradores na praia que ali existem duas formas de labor relacionadas com o mar: uma trata do trabalho dos pescadores artesanais, são em maioria homens que “saem para o mar”. A outra é o cultivo de ostra, tocado pelas mulheres em parceria com alguns camaradas pescadores. O movimento na praia dos moradores humanos e não humanos começa nos primeiros raios de sol. Acontece na Ponta Oeste de se acordar com a barulheira dos papagaios da cara roxa que pernoitam todos os dias “no centro da floresta”, enquanto saem em bando em sua revoada com direção a “ilha seca e rasa”, que fica em frente a Ponta Oeste. Também é possível ouvir o motor da canoa dos pescadores indo jogar suas redes de espera. Na praia, as mulheres que cuidam do cultivo de ostras já saíram para buscar as lanternas. A manhã será de trabalho para ambos os grupos. Enquanto uns limpam as ostras e se preparam para atender os turistas, outros saem para o mar ou aproveitam para arrumar os petrechos de pesca. Próximo do meio dia há quem jogue tarrafas no mar, com sorte um peixe será frito no almoço.

Naquele dia, minha chegada coincide com a hora do almoço e Dona Helena está voltando de sua casa com uma tainha fresca, recém pescada. É época de inverno, de pescar tainha, e vejo que ela foi até um dos quiosques de palha para limpar o peixe sobre uma mesa. Me conta que será feita para o almoço, enquanto conversamos não é possível deixar de notar a habilidade com que limpa o peixe. “Essa tainha tá boa, nem precisa descamar, os botos já fizeram o trabalho” e então me explica que as tainhas costumam ficar de baixo dos cultivos de ostra comendo os substratos que ficam presos nas lanternas das ostras, e que os botos gostam de brincar com elas, “ficam judiando da tainha, mordiscando elas, daí quando pegamos ela já vem sem escama”.¹¹

Enquanto ela limpa o peixe, me aponta os órgãos dele, aquela era uma fêmea ovada, e a ova é muito apreciada para comer com farinha de mandioca. Seus movimentos são tão rápidos que perco parte da explicação de como se limpa o peixe. Então ela o monta mais uma vez colocando cada órgão em seu lugar dentro do animal, “a moela”, o coração, os intestinos, as ovas. Termina de limpar e joga as tripas às gaivotas e às garças que pareciam posicionadas estrategicamente para receber seu quinhão da pesca.

Enquanto estive com Dona Helena, é impossível não notar sua disposição para a vida. É preciso ter fôlego para acompanhá-la em meu fazer etnográfico e em sua rotina diária. Em uma tarde, enquanto conversava com dona Jocélia, a vejo voltar do cultivo de ostras que se localiza no extremo oeste da Ponta Oeste. Para ir até lá é preciso ir de barco e é preciso também muita força física para retirar as lanternas de dentro do mar, por isso Seu Toninho, seu vizinho, sempre a acompanha. Estão os dois limpando as ostras retiradas do cultivo mais distante para colocá-las no cultivo em frente as suas casas.

A lida das ostras é feita em um pequeno ranchinho de bambu e palha construído na praia. Nele existe uma mesa sobre as quais as ostras são depositadas. Em uma mão segura-se a ostra suja enquanto a outra segurando uma faca, começa a lascar a sujeira, as cracas e parasitas que se aderem as conchas da ostra. O movimento é rápido e certo e lembra muito mais algo sendo esculpido do que limpo.

Entre eles a conversa é que se demorou para retirar as ostras do cultivo e trazê-las para o rancho. Há muitas ostras abertas, portanto mortas, conforme seguem limpando as conchas, pequenas lascas se acumulam em um montinho na mesa. Dona Helena me aponta e avisa “esses são os filhotinhos, esses nós devolvemos para o mar no cultivo do “campo” e as ostras limpas e vivas ficam no cultivo da frente de casa, para servirem os turistas quando chegarem”. Percebo que há uma pequena microfauna nas conchas das ostras, pequenos crustáceos como minúsculos siris e algumas minhoquinhas vermelhas, Dona Helena notando minha curiosidade me explica: “esses são os poliquetas, tem que ver se a concha não está furada porque daí tem planária dentro dela”.

Durante meu campo em diferentes momentos elas explicam muitas coisas sobre o cultivo de ostras. Dona Jocélia mostra as diferentes formas de prepará-las para os turistas. São servidas nas conchas em natura, ao bafo ou gratinadas. Mas durante uma janta não pude deixar de notar que o neto dela comeu as ostras na mesma garfada com feijão e arroz. Minha curiosidade é logo explicada. Antes dos cultivos, as ostras eram coletadas pelos pescadores e pescadoras da Ponta Oeste, em seu habitat natural, nas raízes dos mangues cujas ostras eram acompanhadas do arroz com feijão. O neto de Dona Jocélia, então, reedita a refeição.

Dona Helena, por sua vez, em uma lida das ostras a qual pude participar, me mostrou toda a morfologia e o ciclo de vida das ostras no cultivo. Me mostrou a postura correta das mãos e da força necessária feita com a faca para abri-las. Preciso de muitas tentativas até acertar a forma certa manuseá-las. Nessa ocasião, de forma incomum, as ostras estavam com muitas cracas. Para ela, as dragagens do Canal da Galheta haviam sido responsáveis por remexer o fundo da Baía, os sedimentos em suspensão na água do mar facilitavam a formação das cracas nas conchas das ostras. Como as conchas pesavam mais, as ostras sofriam para “abrir e respirar”, por isso também estavam mais magrinhas que o comum.

Me interesse em saber por que há dois cultivos em frente à praia e outro mais a oeste, o cultivo na frente do “campo”, como eles chamam. Dona Jocélia me explica que os cultivos são um projeto da EMATER, mas que poucas pessoas da Ponta Oeste aderiram por ser uma atividade muito trabalhosa. Alguns pescadores até chegaram a tentar, mas desistiram com o tempo. Preferiram pescar.

Sobre isso, Dona Jocélia me conta que os outros pescadores da Ponta Oeste não aderiram aos cultivos porque entendem a pesca de uma outra forma, para ela o cultivo de ostras é semelhante à agricultura devido o tempo de semear e colher, enquanto a pesca é possível obter o pescado e já vendê-lo.

Sabe, o pescador por natureza ele já é extrativista né, o agricultor não, ele planta e espera uma quantidade de meses para poder colher né, o pescador não ele é extrativista ele vai lá pesca e já dali vende e tal, então é giro rápido, então ele não tem essa disposição de ficar esperando seis meses, nove meses para fazer a colheita desde a primeira plantação. Eles participaram no início, mas depois abandonaram.

Devido à não adaptação do resto da comunidade ao cultivo, ficaram apenas o cultivo de Dona Helena e Seu Toninho e o de Dona Jocélia, Léo e Mauro. O cultivo maior, que fica perto do campo, também é de Dona Helena; segundo ela, este é o cultivo que é mais trabalhoso, pois é comum ele ser roubado ou atropelado por outras embarcações, lhe causando muito prejuízos. Não por acaso, os cultivos de ostra de Dona Jocélia, Léo e Seu Mauro foram mudados também a frente da praia.

Dona Helena fala com muito orgulho dos cultivos de ostra e do conhecimento que tem sobre essa prática. Conta que elas costumam ser visitadas pelos professores do Centro de Estudos do Mar e que certa vez uma das professoras pediu para que Dona Helena desse uma aula para suas alunas sobre os parasitas que acometem as ostras. Ela conta ainda que enxerga os cultivos, digamos, enquanto uma estratégia para a afirmação de seu território:

“Naquele tempo tinha o conselho gestor e eles falaram que não adiantava nada nossa associação e aí foi que eu falei, se não tiver projeto não adianta nada, não vamos chegar a lugar algum e eles queriam tirar todo mundo daqui “. Dona Jocélia, por sua vez, me relata que:

Nós procuramos a Emater, foi nós que procuramos. Existia essa possibilidade de fazer um cultivo de ostra, entende, nós procuramos a Emater, claro que depois a Emater nos orientou como é que devíamos fazer, que existia um edital para licenciamento da área e as documentações todas ficaram por nossa conta, nós corremos atrás dos documentos que tinham que ser feitos, mas a Emater nos acompanhou e tudo (...) Veja bem, ali a concessão da área é por 20 anos, sabe então é uma coisa longa.

Portanto, os cultivos de ostra funcionam também como uma estratégia de pertencimento. Fixados no fundo mar, os cultivos da Ponta Oeste são conhecidos pela Ilha do Mel e seus turistas. Os serviços de Dona Helena inclusive são anunciados em seu perfil do facebook e ambas costumam atender os turistas que chegam de jets skis e lanchas na beira da praia. Os pedidos são ostras e peixes para consumir na praia. Também é comum que alguns turistas acabem por levar algumas dúzias, como é chamada a porção de ostra, para casa.

É também a partir dos cultivos de ostra que as três maricultoras e pescadoras passaram a afirmar o território marítimo da Ponta Oeste. Em diferentes trabalhos os cultivos de ostra da Ponta Oeste são mencionados. Em Moura (2016) os cultivos são citados como estratégias de segurança alimentar em tempos de defeso e do declínio da pesca. O autor cita as pesquisas de Fuzetti (2007) e de Schamberg (2014), que ressaltam a importância do cultivo enquanto estratégia de pertencimento territorial e de afirmação dos seus modos de vida. Moura (2016), além disso, relata que o cultivo irá beneficiar principalmente as mulheres da comunidade. Agora sabemos que são elas as ostreicultoras da Ponta Oeste.

As ostras também são responsáveis por enriquecer a biodiversidade local. Em conversa com um dos pescadores que auxiliam Dona Helena na lida do cultivo, ele conta que após a implantação da ostreicultura, há mais peixes na praia da Ponta Oeste. Isso porque a estrutura do cultivo fica submersa no mar, e essa estrutura acaba servindo de habitat para a microfauna marinha, minúsculos crustáceos e algas aderem às lanternas. Essa pequena biota que utiliza o cultivo de ostra como casa é a base alimentar de peixes e outros seres marinhos. Portanto, nos dias de hoje, é possível notar tainhas, botos e pássaros atraídos pelos cultivos de ostra.

Além de criar relações entre seres não humanos e humanos, os cultivos de ostra também firmam relações de compadrio e troca. Em muitos momentos pude ver embarcações nativas da Ilha do Mel indo levar turistas para conhecer a Ponta Oeste e para *provar* as ostras. Como a Ponta Oeste não tem uma linha de travessia marítima, é comum que se “atravesse” o mar para Paranaguá ou outras localidades por caronas, por isso, muitas vezes os barcos visitantes de nativos acabam por facilitar deslocamentos e voltam aos seus destinos levando ou buscando coisas. Essa característica da mobilidade marítima inerente a vida do ilhéu acaba por fundar, também, uma rede de cooperação.

Pude perceber isso no momento em que fui integrada a essa rede, em minhas idas e vindas entre Encantadas e a Ponta Oeste. Levei e busquei muitas coisas entre as duas localidades. De informações a respeito das práticas políticas desenvolvidas pelas duas comunidades a suprimentos necessários a manutenção ao modo de vida ilhéu, muitas coisas foram trocadas. Levei a pedido de Miguel o cardápio das cozinhas tocadas pelas maricultoras. Agora a lista de pratos servidos por elas está à disposição dos turistas de Encantadas. Em outro momento, dona Helena ficou sem diesel para seu gerador. Miguel então, quando foi me buscar, levou o combustível para ela e voltou para Pontal comigo, com Léo e Jocélia, que aproveitaram a carona. Na minha volta ao campo, Miguel era presenteado com porções de ostra e pasteis de banana. O mesmo ocorre comigo, quando deixo a Ponta Oeste, geralmente volto com peixes e ostras.

Posso dizer que a generosidade é também uma característica que produz boas relações à Ponta Oeste. Em todos os meus campos fui sempre muito bem acolhida. Convidada a sentar à mesa durante todas as refeições, em algumas vezes tive o meu prato feito generosamente por elas, principalmente quando o

cardápio exigia um conhecimento caíçara sobre o alimento, como encorpar o pirão com a banana amassada e a farinha de mandioca ou como melhor degustar uma tainha defumada.

Durante essas refeições, alguns projetos foram pensados por elas. Solucionar o saneamento de águas e a destinação de resíduos sólidos, adquirir aquecedores de água e geradores de eletricidade de baixo impacto ambiental têm feito parte das pautas de nossas conversas. A pedido delas também preparei um folder para que os turistas não deixem seus lixos na Ponta Oeste e para que trafeguem em baixa velocidade. Como se sabe, devido à Estação Ecológica, não há qualquer tipo de estrutura de saneamento ou de fornecimento de água disponível no local. Por isso, entendo os “novos projetos para o futuro” como uma forma de firmar pertencimentos, identidades e territorialidades.

Renata Beghetto Pacheco é licenciada em Ciências Biológicas pela PUC-PR, especialista em Análise Ambiental pela UFPR e mestranda em Antropologia na mesma universidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANGULO, R. J. 2004. Mapa do Cenozóico do litoral do Estado do Paraná. *Boletim Paranaense de geociências*, 55.
- ARGONAUTAS DA COROAZINHA: Direção: Eduardo Harder, Ana Elisa de Castro Freitas e Doglair Albini Júnior. Ilha do Mel: 2014.
Disponível em: <https://vimeo.com/103663865>.
Acesso em: 15 de agosto de 2018.
- COMUNIDADE TRADICIONAL DE PONTA OESTE, ILHA DO MEL. 2017. *Protocolo de consulta, Paranaguá: Associação dos Nativos e Pescadores da Ponta Oeste*.
Disponível em: <https://www2.mppa.mp.br/sistemas/gcsubsites/upload/94/protocolopontaoeste%20pescadores%20artesanais%20ilha%20do%20mel.pdf>
- DRAGAGEM DE MANUTENÇÃO. Administração Dos Portos De Paranaguá E Antonina.
Disponível em: <http://www.portosdoparana.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=430>. Acesso em: 28 de agosto de 2018.
- ESCOBAR, Arturo. 2015. “Territórios da diferença: a ontologia política dos “direitos ao território”. *Desenvolvimento e Meio Ambiente* (35).
- FUZETTI, Luciana. 2007. *A pesca na Ilha do Mel (Paraná-Brasil): Pescadores, atividades e recursos pesqueiros*. Dissertação de Mestrado. Curitiba, UFPR.
- FRIGO, Simone, s/d. “Gênero, Ambiente e Técnica na Pesca da Tainha de Encantadas, Ilha do Mel”. *Anais da VI Semana de Antropologia: Desafios da alteridade*: 214 -224.
- GERBER, Rose Mary. 2013 *Mulheres e o mar: uma etnografia sobre pescadoras embarcadas na pesca artesanal no litoral de Santa Catarina, Brasil*. Tese de doutorado. Florianópolis, UFSC.

- HARAWAY, Donna. 1988. "Situated Knowledges: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective". *Feminist Studies* 14 (3): 575-599.
- HARDER, Eduardo; DE CASTRO FREITAS, Ana Elisa. 2015. "Envelhecer na invisibilidade: tempo e narrativa na Ponta Oeste da Ilha do Mel, Paraná, Brasil". *Illuminuras* 16 (40).
- INGOLD, Tim. 2012. "Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais". *Horizontes antropológicos* 18 (37): 25-44.
- LAMOUR, Marcelo Renato. 2007. *Morfodinâmica sedimentar da desembocadura do complexo estuarino de Paranaguá-PR*. Tese de Doutorado. Curitiba, UFPR.
- MALDI, Denise. 2017. "Pantaneais, Planícies, Sertões: Uma Reflexão Antropológica Sobre Espaços Brasileiros". *Boletim Paulista de Geografia* 71: 43-64.
- MOURA, Ezequiel Antonio de. 2016. *A coroaíza da Ilha do Mel: territorialidade de uma comunidade tradicional de pescadores (as) artesanais na Ponta Oeste, Paranaguá-PR*. Dissertação de Mestrado. Curitiba, UFPR.
- NASCIMENTO, Evandro Cardoso do. 2015. *Malhas da reciprocidade: a pesca coletiva da tainha na ilha do mel*. Dissertação de Mestrado. Curitiba, UFPR.
- PONTES FILHO, Almir; KLUPPEL, Cristina Carla. 2012. Parecer Técnico Ponta Oeste – Ilha do Mel. Paranaguá-PR. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura.
- Disponível em: http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/arquivos/File/parecer_ponta_oeste.pdf. Acesso em: 03 de setembro de 2018.
- PIGOSSO, Ariane Maria Basilio. 2012. *O processo de reativação da base operacional da Techint em Pontal do Paraná: análise do processo de licenciamento ambiental*. Monografia de especialização. Curitiba. UFPR.
- POLISPERB, Matias; QUEIROZ TELLES, Daniel Hauer. 2014. "Gestão de Resíduos Sólidos e Turismo: O Tratamento Dado por Meios de Hospedagem e pelo Setor Público na Ilha do Mel, PR". *Rosa dos Ventos* 6 (4).
- KIM, Milena Kiatkoski. 2004. *Avaliação da sustentabilidade do modelo de desenvolvimento vigente na Ilha do Mel, PR*. Monografia de graduação. Pontal do Paraná, CEM.

MAIS A OESTE, AS PESCADORAS. UM RELATO ETNOGRÁFICO SOBRE OS SABERES ECOLÓGICOS E POLÍTICOS DAS MULHERES PESCADORAS TRADICIONAIS E PRODUTORAS DE OSTRA DA PONTA OESTE, ILHA DO MEL, PARANÁ

Resumo: Localizada na Ilha do Mel, Paraná, e vizinha ao Porto de Paranaguá, a Ponta Oeste é conhecida por alguns como protagonista de um conflito territorial, devido à sobreposição de seu território por uma unidade de conservação integral na década de 80, pelo estado do Paraná. Portanto, falar sobre seus indivíduos é também falar sobre esse conflito territorial que se faz presente até os dias de hoje. Mediante esse panorama, o presente artigo versará sobre as mulheres pescadoras tradicionais, também conhecedoras de produção de ostra e ainda líderes da comunidade da Ponta Oeste. O objetivo desse texto é pensar a experiência política e ecológica dessas mulheres frente a pressões e impactos ambientais provenientes do porto de Paranaguá e dos embargos infligidos pelo estado do Paraná a essa coletividade.

Palavras-chave: Sobreposição de terras, Ilha do Mel, pescadoras

FURTHER WEST, THE FISHERWOMEN. AN ETHNOGRAPHY ON THE POLITICAL AND ECOLOGIC KNOWLEDGE OF TRADITIONAL FISHERWOMEN AND OYSTER WOMEN FARMERS FROM PONTA OESTE, ILHA DO MEL, PARANÁ

Abstract: Located on Honey Island (“Ilha do Mel” in Portuguese) in Paraná state, neighbouring Port of Paranaguá, Ponta Oeste (“West End”) is known for being at the core of land. Its territory overlaps a protect área created in the 1980s by Paraná state government. In order to survey Ponta Oeste inhabitants, hence, one has to inspect the territorial conflict that remains to date. From this perspective, the present essay focuses on traditional fisherwomen from Ponta Oeste, who also master oyster farming techniques and play an important role as Community leaders. This essay aims at examining political and ecologic experience of those women, in face of the environmental impact caused by Port of Paranaguá and the embargoes imposed Paraná state government.

Keywords: territory overlaps, Ilha do Mel, fisherwomen.

RECEBIDO: 06/09/2018

APROVADO: 15/03/2019